



Vol. 23, nº 2 (2022)

DOI: 10.30681/issn22379304v23n02/2022p107-119

**LUCIANA CASTRO, UMA ESCRITORA MÚLTIPLA E  
MELANCÓLICA, EM *JANELA ABERTA PARA O TEMPO***

\*\*\*

**LUCIANA CASTRO, A MULTIPLE AND MELANCHOLIC  
WRITER, IN *OPEN WINDOW TO TIME***

Tiago Correia de Jesus<sup>1</sup>

**Recebimento do Texto:** 12/09/2022

**Data de Aceite:** 11/10/2022

**RESUMO:** Para esse artigo, tenho como proposta apresentar a poética da poeta Luciana Castro, a partir de sua última obra literária, *Janela aberta para o tempo*, publicada em 2018, pela editora Mondrongo, a partir de uma antologia literária. Entre as leituras realizadas, é possível identificar na obra de Castro, a presença de uma escritora múltipla, conceito elaborado pela Acadêmica e Professora do Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia (ILUFBA), Evelina Hoisel, uma vez que, é perceptível em sua escrita literária o atravessamento sobre afazeres do ofício do seu segundo ofício na vida, à docência, assim como, da maternidade e de editora de literatura. Portanto, a obra de Castro, perpassa, principalmente, pelo tempo, ou melhor, pelos tempos, tal como anuncia o título da obra, como num resgate e apresentação do movimento da vida, em: pretérito, presente e futuro. Aqui, há a instauração de uma consciência da vida e da sua finitude, ainda que todos os acontecimentos que nela ocorrem, muitas das vezes, pareçam se segurar, e o tempo, fugaz e veloz, parece não querer passar, tal como os rios e o ponteiro do relógio da parede da casa do interior. Na poesia de Castro, há, entre as memórias, a sua menina da infância, o futuro, que um dia nos habitarão, enquanto as lembranças serão os remédios para curar as ausências e a dor da morte. Assim, proponho fazer uma análise sobre a obra de Castro, mas também difundir o nome de poeta para que o seu tempo seja o presente.

**PALAVRAS-CHAVE:** Lucian Castro. Janela aberta para o tempo. Escritor múltiplo.

**ABSTRACT:** For this article, my proposal is to present the poetics of the poet Luciana Castro, based on her last literary work, *Janela abre para o tempo*, published in 2018, by Mondrongo, from a literary anthology. Among the readings carried out, it is possible to identify in Castro's work, the presence of a multiple writer, a concept developed by the Academic and Professor of the Institute of Letters of the Federal University of Bahia (ILUFBA), Evelina Hoisel, since it is noticeable in her literary writing the crossing over the duties of her second job in life, to teaching, as well as motherhood and literature editor. Therefore, Castro's work runs mainly through time, or rather, through times, as the title of the work announces, as a rescue and presentation of the movement of life, in: past, present and future. Here, there is the establishment of an awareness of life and its finitude, even though all the events that occur in it, many times, seem to hold back, and time, fleeting and fast, does not seem to want to pass, just like rivers and rivers. the pointer of the clock on the wall of the house from the inside. In Castro's poetry, there is, among the memories, his childhood girl, the future, that one day will inhabit us, while the memories will be the medicine to cure absences and the pain of death. Thus, I propose to make an analysis of Castro's work, but also to spread the poet's name so that his time is the present.

**KEYWORDS:** Lucian Castro. Window open to time. Multiple writer.

---

<sup>1</sup> Mestre e Doutorando Pelo Programa de Pós-Graduação em Literatura e Cultura (PGLitCult/UFBA). E-mail: tiagoemtese@hotmail.com



Em 2018, a poeta Luciana Castro<sup>2</sup>, publicou o seu último livro de poesia, pela editora Mondrongo, “Janela aberta para o tempo”, com sua primorosa antologia literária, nos convidou a olhar por sua janela a poesia que a acompanhou por toda a vida. Assim, nos deu a possibilidade de realizar um passeio por suas memórias, sobretudo, da infância, e a melancolia numa viagem a vida pregressa.

Com quase cem poemas, a obra é uma reunião de poemas que se compõe no tempo e nos diferentes estados do tempo, naquilo que o poeta Wesley Correia<sup>3</sup> escreve na orelha da obra como, “cada verso deriva, no fundo, do desejo de compreender outro nível de temporalidade que a memória é capaz de filtrar”. Buscando, de tal modo, selecionar passagens da vida e apresenta-la a partir de uma janela, que embora aberta para o tempo, não se encontra escancarada. Para Fátima Santiago<sup>4</sup>, o livro é “um convite à experiência, àquilo que nos toca. É uma consagração dos instantes vividos pela poeta...”, pois, para Luciana “tudo é motivo de poesia”, e por essa razão, a sua *janela aberta para o tempo* é uma obra de ações, instaurações de verbos e da vida.

No lançamento do livro, ocorrido em abril de 2018, fui um dos convidados pela poeta para fazer uma intervenção sobre a sua obra. Na oportunidade, escrevi um pequeno texto, e nele, mencionei que embora o título se refira a uma janela, podemos encontrar inúmeras outras, que não

---

<sup>2</sup> Nasceu em São Gonçalo dos Campos, Bahia, em 21 de maio de 1964. Graduada em Letras pela Universidade Estadual de Feira de Santana. Mestre em Educação pela Universidade Federal da Bahia (UFBA) e Professora aposentada de língua portuguesa do Instituto Federal da Bahia (IFBA) até 2016, quando se aposentou.

<sup>3</sup> Poeta e Professor Doutor de Língua Portuguesa do Instituto Federal da Bahia (IFBA)

<sup>4</sup> Professora Doutora e Titular de Língua Portuguesa do Instituto Federal da Bahia (IFBA)



estão abertas, tampouco fechadas, e que entre algumas delas, existe, por exemplo, o desejo por reviver (não recordar) a infância, quando diz que “se eu voltasse a ser criança”, mas que é, imediatamente, capturada pela lucidez de que “o tempo prossegue e a criança não volta”.

Os textos que aqui serão apresentados, também revelam uma escrita de uma poeta múltipla, que compartilhou com a poesia o ofício de ser professora de ensino médio e superior, editora e crítica literária. Durante mais de três décadas no Instituto Federal da Bahia (IFBA), Luciana organizou grupos de escritores, livros e revistas de literatura, publicando centenas de textos da comunidade institucional, mas, principalmente, dos alunos que participavam de suas oficinas de criação literária.

Da obra de Castro, selecionei três poemas, (poesia; minha Madalena; e, na hora da minha morte), com o objetivo de refletir sobre uma escritora múltipla e melancólica. Abaixo, o primeiro dos poemas selecionados, apresenta-nos, segundo o sujeito poético, os motivos de poesia:

Poesia

Tudo é motivo de poesia  
Um gato preso às folhagens do cajueiro  
O gesto inescrupuloso do político corrupto  
A dor castigante da saudade que dilacera o peito.  
O contentamento diante do ser que desabrocha.  
    Bem e mal, amor e ódio, sexo e paixão.

A costura entrecortada que compõe cada palavra  
tece a teia indecifrável da inspiração.  
Porque tudo que move,  
tudo que morre,  
tudo que principia.  
Tudo!  
Tudo é motivo de poesia.

(2018, p. 19)



O poema “Poesia” é um dos primeiros do livro, e se mostra ao leitor como uma espécie de *guia* que sugere, a partir do termo “Tudo”, os elementos que constituem e podem provocar e inaugurar o primeiro ato de criação. Após empregar num único vocábulo um universo de ações que move a poesia, o sujeito poético tenta exemplificar motivos para a instauração de poesia. As imagens, aqui, capturadas no poema desmistificam as complexas elaborações em torno do poder criar e ler poesia.

Para o sujeito poético, os acontecimentos da vida são o que motivam a poesia, estejam eles no flagra de “um gato preso às folhagens do cajueiro”, até na notícia do “gesto inescrupuloso do político corrupto”, assim, todas as ações são potentes e poética ao poeta. Para Walter Benjamin (1994, p. 198), “a experiência que passa de pessoa a pessoa é a fonte a que recorreram todos narradores”, isto é, os acontecimentos e conhecimentos vida como matéria-prima para a criação da literatura, historicamente, primeiro, na oralidade, e posteriormente, na escrita.

Pensando no conceito de escrevivência de Conceição Evaristo, ele nos possibilita pensar na criação e a leitura da literatura que apresenta um narrador e uma narrativa não hegemônico. Segundo Oliveira (2006), Evaristo considera três elementos para escrevivência (corpo, condição e experiência), e eles, partem de sujeitos subalternizados. Porém, não emprego a conceituação aqui com essa abrangência, dada ausência das dimensões de raça e etnia na escrita de *janela aberta para o tempo*, mas também por refletirmos sobre a literatura de uma escritora branca.



Se trago a abordagem de tal conceito é para realizar um contraponto àquilo que o poema “poesia” nos possibilita, e nos diz, quando entendo que não basta apenas o rompimento da hegemonia dos grupos que podem e devem também realizar o ato de criação, mas sobre o que eles vão falar; em “poesia” o sujeito poético nos afirma que:

tudo que move,  
tudo que morre,  
tudo que principia.  
Tudo!  
Tudo é motivo de poesia.

Inclui-se ao “tudo”, as diversidades de eventos, sentimentos, sensações, culturas, etc., porque a poesia reivindica por liberdade e “ela cria o tipo de luz sob o qual baseamos nossas esperanças e nossos sonhos de sobrevivência e mudança, primeiro como linguagem, depois como ideia” (LORDE, 2019, p. 45).

Enquanto isso, as marcas de uma memória passeiam no poema através “da saudade que dilacera o peito”, resgatando no passado o desejo de fazer uma travessia que tem a necessidade de se transcrever em um caminho que é capaz de se produzir num ato de criação, um ato de resistência. Segundo (AGAMBEN, 2018, p. 59-60) “resistir significa sempre liberar uma potência de vida que estava aprisionada ou ultrajada”. Assim, como a “saudade”, o “bem e mal, amor e ódio, sexo e paixão”, pedem formas de resistências. Na obra, elas se revelam pela escritora através de sua habilidade de fazer da palavra um artesanato, considerando que “é necessário saber narrar uma história”, como afirma Walter Benjamin (1994, p. 200).



Essa característica em *janela aberta para o tempo* é revelada em “uma escrita madura, em ponto de colheita”, segundo afirma Gustavo Felicíssimo<sup>5</sup> (2018, p.13), e que pode ser reflexo de uma literatura desenvolvida concomitante com o exercício da docência, compartilhada por um olhar auspicioso e técnico. Para Evelina Hoisel (2019, p. 9), a produção de “escritores contemporâneos que conjugam a criação literária, a atividade teórica, crítica e acadêmica”, é conceituada como um escritor múltiplo<sup>6</sup>.

Abaixo, em “Minha Madalena”, entre a memória saudosa da mãe e a melancolia diante das limitações da condição humana em não poder resgatar aqueles que fisicamente a morte nos toma (para sempre), há depositado “outras linguagens, acolhendo o discurso do teórico, do crítico e do historiador” (HOISEL, 2019, p. 11). Excepcionalmente, nesse poema, a presença da escritora evoca a gramática e a intertextualidade, como se existisse um elo que dificulta a dissociação da escrita criativa e a aula de língua portuguesa.

Minha Madalena

Escrevo-te um verso  
sobre o leito implacável da saudade.  
São rabiscos, palavras doces que se entrelaçam  
a vocábulos aflitos e interrogativos.  
Apenas o sentir já me basta,  
e a ti também.

Aqui, os dias têm sido como vácuo  
à beira de uma estrada seca e sem fim.  
Vozes que vão e vêm

---

<sup>5</sup> Escritor e editor da Mondrongo

<sup>6</sup> O escritor múltiplo, que emerge na segunda metade do século XX incorpora à sua atuação a atividade pedagógica exercida em instituições de ensino de nível superior, e esse dado é importante não só para distingui-lo do escritor do início do século XX como também para configurar outro ambiente cultural e acadêmico prevalecente a partir dos anos 1950 e 1960 no Brasil. (HOISEL, 2019, p. 9)



Vol. 23, nº 2 (2022)

ecoam como falsos deuses  
confusos, cansados,  
medrosos e subitamente humanos.

Mas mesmo entre as pedras do caminho,  
sinto a tua mão deslizar sobre a minha, calmamente,  
e percebo que a existência nada mais é,  
que a certeza de um amor inacabável.

Ah, minha Madalena!  
O luar é tão jovem.  
A vida tão linda.  
A morte tão doida.  
E eu continuo aquela tua menina  
que a poesia plantou flores no olhar.  
A sobrevivente  
Ainda que o mundo acabe.  
Ainda que as paixões desaguem  
sobre o pensamento tosco e infame.  
Ainda que a verdade tasteie como cego teimoso  
em dias de solidão.  
Ainda que a razão suicida se enfoque  
nos labirintos da indiferença.  
Eu sobreviverei!  
Sobreviverei no poema bruto  
que se lapida naturalmente, todos os dias,  
no universo atemporal da palavra  
ainda por dizer.

(2018, p. 65-6)

No poema, o sujeito poético confessa que a obra é produzida “sobre o leito implacável da saudade” à “Minha Madalena”. Seguindo com versos que criam imagens da infância, sinestésias e sentimentos com referências ao seu exercício docente – *rabiscos, palavras, vocábulos e interrogativos*.

Nessa perspectiva, insinuo que o poema forja princípios de um texto dissertativo com *introdução, desenvolvimento e conclusão*, estruturados nos quatro versos que se compõem. Tal identificação me faz reafirmar a associação entre o papel da docente e da escritora, resultando numa produção paradoxal. De tal modo, que para Evelina Hoisel (2019, p. 11), o



escritor múltiplo “se dá em excesso. Excesso de significantes. Transbordar de significados. Duas ordens se superpõem: a literária e a não literária.”.

Paradoxais também são as imagens construídas na segunda estrofe do poema, a partir de um mesmo cenário, mas que resultam em fotografias diferentes a depender do instante em que forem registradas na *janela aberta para o tempo*. As oscilações entre as imagens podem também revelar a instabilidade emocional ao escrever um poema de saudade, considerando que ele é direcionado para a mãe, figura importante na construção do afeto e do imaginário de família na sociedade. Assim, podemos considerar que “a poesia não é apenas sonho e imaginação; ela é o esqueleto que estrutura nossa vida”, segundo afirma Audre Lorde (2019, p. 46).

Diferentemente da segunda estrofe construída entre imagens de nebulosas e vai-e-vem, a terceira se configura a partir de intertextualidade com o clássico poema “No meio do caminho”, de Carlos Drummond de Andrade. Bem como, mudanças de sinestésias e sentimentos, que antes eram por insegurança diante da morte, mas que em presença da *janela aberta para o tempo*, o sujeito poético passou a compreender que “a existência nada mais é/ que a certeza de um amor inacabável”. E essa compreensão é melhor empreendida a partir da poesia, uma vez que “é de poesia que nos valem para nomear o que ainda não tem nome, e que só então pode ser pensado”, Audre Lorde (2019, p. 46).

A última estrofe que põe fim ao poema vem em tom conclusivo as estrofes anteriores. Quando iniciada, o primeiro verso é uma exclamação à “Minha Madalena”, que também é o título do poema, e, possivelmente, a pulsão que levou a sua composição, primeiramente, movida pela dor da perda da mãe, seguida da ressignificação de sua morte.



As imagens construídas em cada verso são sempre movidas de ações, transformações e mudanças de planos. A oposição entre “vida tão linda” e “morte tão doida”, ilustra as dicotomias do dia-a-dia com os acontecimentos sempre fora da ordem. E que diante disso, nos faz desejar, unicamente, que consigamos sobreviver, pois, a ausência dessa condição pode ser o indicativo da consagração de nossa fragilidade e efemeridade, ainda que tantas vezes sobreviventes.

Daí retomo a leitura do mundo sobre as coisas já findadas e da impossibilidade de devolver a elas o sopro de vida. Assim, em “eu sobreviverei” o sujeito poético evidencia ânimo e sinal de que as suas ações não deixarão que o verbo seja conjugado no pretérito. Além disso, ao exclamar “Eu sobreviverei!”, os versos que se antecedem desenham um claro estado de melancolia, composto por “paixões”, “pensamentos toscos e infames”, “solidão”, “razão suicida”, “labirintos de indiferença”, que tateia em uma verdade sem referenciais, no desconhecido.

No entanto, o uso repetitivo do advérbio “ainda” insinua não condicionar a sobrevivência com situações exteriores, e exclama que “sobreviverei no poema bruto”, mas que continuamente “se lapida naturalmente, todos os dias, / no universo atemporal da palavra/ ainda por dizer”, pois em *janela aberta para o tempo* “tudo é motivo de poesia”.

O último poema escolhido para as nossas reflexões prossegue com a temática “morte”. Nele, há a pulsação e resultado duma obra que tenta desconstruir parte dos rituais fúnebres e as performatividades hegemônica da sociedade brasileira diante da morte.

Em “na hora da minha morte”, identifico a manifestação de um desejo do sujeito poético que deve ser realizado postumamente, quando



todas as arestas do seu poema bruto estiverem lapidadas e a sobrevivência as adversidades do mundo não for mais possível, “porque tudo que move”, morre.

Na hora da minha morte

Na hora da minha morte não quero luto.  
choro, escândalo, lamentação,  
cochichos sobre quem eu fui ou o que fiz.  
Quero apenas a presença leve e serena  
daqueles que me amam.

Quero apenas, nesta hora derradeira,  
partir no aconchego do amor  
e deixar a matéria quente que me hospeda a alma  
diluir-se naturalmente na terra amável e viva.

Quero música, silêncio, sorrisos.  
Nada mais!  
E assim poder voltar para algum lugar  
onde a poesia me reconheça.

(2018, p. 88)

Na literatura, quanto em outras expressões artísticas, “morte” e “amor”, são categorias presentes em muitas produções. Em algumas, elas são conjugadas, uma conduzindo a outra, tal como na história de Romeu e Julieta, do dramaturgo britânico William Shakespeare. Assim, no poema de Castro, existe a enumeração de elementos (choro, escândalo, lamentação, cochichos), que compõem o melodrama no texto, mas que são postos como um pedido para que na “hora derradeira” eles não possam suprimir a “presença leve e serena daqueles que me amam”.

Na segunda estrofe, a perceptibilidade da vida como um processo que tem fim pode ser lido para o plano material, quando ao “deixar a matéria quente” o sujeito poético compreende a morte do corpo que vai “diluir-se naturalmente na terra amável e viva”, mas não da alma, já que ela não tem



materialidade, e com isso, acredito, não morre, passa por um processo de evolução espiritual.

A realização dos pedidos de “música, silêncio, sorrisos”, em substituição dos elementos citados na primeira estrofe, não há nenhuma garantia que serão atendidos, ao passo que os eventos que ocorrerão diante da *janela aberta para o tempo* também são imprevisíveis, já que os caminhos se fazem no caminhar da vida (e do poema). Assim que as ações acontecem, logo se tornam pretérito e vão localizar numa das janelas, a da memória de quem viveu e compartilhou os acontecimentos do seu tempo. Para no fim da vida, “poder voltar para algum lugar/ onde a poesia me reconheça”, naquela “costura entrecortada que compõe cada palavra”.

O encontro de Luciana Castro com a palavra a garante também as três coisas para as quais Clarice Lispector disse que nasceu, “nasci para amar os outros, nasci para escrever, e nasci para criar meus filhos. ” (1976, p.9). Comparo-as porque encontro em Luciana uma escritora genuína, que nos presentia com uma literatura construída no caminhar da vida, que se iniciou nos primeiros anos de vida quando encontrou na palavra a sua forma de amar o outro e preencher o seu lote no mundo.

*Janela aberta para o tempo* nos revela uma escritora múltipla, atravessada pelas variadas experiências de vida, e que revela seu olhar melancólico sobre o que se move e o que morre. Castro nos faz descobrir que as coisas, todas elas, podem ser motivo de poesia. Aqui, não há segredo, mas compartilhamento, porque Luciana também é professora, e aprender a



ler para ela é ensinar<sup>7</sup>. E assim, foi e sempre será, ainda que o tempo passe e o relógio da casa velha alcance nossa hora.

## Referências

AGAMBEN, Giorgio. **O fogo e o relato: sobre criação, escrita, arte e livros**. Tradução: Andre Santurbano, Patrícia Peterle. São Paulo: Ed. Boitempo, 2018.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1994.

Capinam, José Carlos. Mendes, Roberto. **Yá Yá Massembra**. Disponível em:< <https://www.letras.mus.br/maria-bethania/164730/>>. Acesso: 16 de dez. 2020.

CASTRO, Luciana. **Janela aberta para o tempo**. Itabuna: Mondrongo, 2018.

CORREIA, Wesley. (orelha de livro). In: Castro, Luciana. **Janela aberta para o tempo**. Itabuna: Mondrongo, 2018.

FELICÍSSIMO, Gustavo. **Prefácio**. In: Castro, Luciana. **Janela aberta para o tempo**. Itabuna: Mondrongo, 2018.

HOISEL, Evelina. **Teoria, crítica e criação literária: o escritor e seus múltiplos**. Org. Evandro Nascimento. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira., 2019.

LISPECTOR, Clarice. **Seleta: seleção e texto-montagem**. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1976.

LORDE, Audre. **Irmã outsider**. Trad. Stephane Borges. Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

---

<sup>7</sup> Referência a letra de música Yá Yá Massemba, de Jose Carlos Capinam e Roberto Mendes.



Vol. 23, nº 2 (2022)

PELBART, Peter Pál. **Por uma arte de instaurar modos de existência**. In: *O avesso do niilismo: cartografia do esgotamento*. ed. São Paulo: n – 1, 2016, p. 391- 419.

Oliveira, Luiz Henrique. "**Escrevivência**" em **Becos da memória**, de Conceição Evaristo. Disponível em:<<https://www.scielo.br/pdf/ref/v17n2/19.pdf>>. Acesso: 13 de dez. 2020.

SANTIAGO, Fátima. (orelha de livro). In: Castro, Luciana. *Janela aberta para o tempo*. Itabuna: Mondrongo, 2018.

STAROBINSKI, Jean. **Montaigne em movimento**. Trad. Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das letras, 1992.